



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

NATÁLIA MARIA DA SILVA GURGEL

**OS ESPAÇOS COMO NARRADORES DA MEMÓRIA E RESISTÊNCIA EM
SOLITÁRIA, DE ELIANA ALVES CRUZ**

PATU - RN

2025

NATALIA MARIA DA SILVA GURGEL

**OS ESPAÇOS COMO NARRADORES DA MEMÓRIA E RESISTÊNCIA EM
SOLITÁRIA, DE ELIANA ALVES CRUZ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito de avaliação da disciplina TCC II, ministrada pela Profa. A Dra. Aline Almeida Inhoti, do Curso de Letras, no Campus Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Orientadora: Prof.^a Dra. Alyne Isabele Duarte da Silva

Linha de pesquisa: Texto literário, crítica e cultura.

PATU - RN

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

D229e Da Silva Gurgel, Natália Maria
Os espaços como narradores da memória e resistência em Solitária, de Eliana Alves Cruz. / Natália Maria Da Silva Gurgel. - Patu-RN, 2025.
20p.

Orientador(a): Profa. Dra. Alyne Isabele Duarte da Silva.
Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Espaço. 2. Memória. 3. Resistência. 4. Cômodos. 5. Eliana Alves Cruz. I. Duarte da Silva, Alyne Isabele. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

NATÁLIA MARIA DA SILVA GURGEL

**OS ESPAÇOS COMO NARRADORES DA MEMÓRIA E RESISTÊNCIA EM
SOLITÁRIA, DE ELIANA ALVES CRUZ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito de
avaliação da disciplina TCC II,
ministrada pela Profa. Dra. Aline
Almeida Inhoti, do Curso de Letras,
no Campus Avançado de Patu –
CAP, da Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte – UERN.

Aprovado em: 18/11/2025.

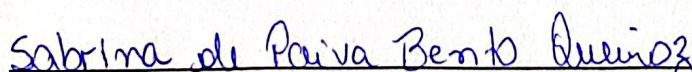
Banca examinadora

Documento assinado digitalmente
 **ALYNE ISABELE DUARTE DA SILVA**
Data: 04/12/2025 14:22:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Alyne Isabele Duarte da Silva (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Documento assinado digitalmente
 **ANNIE TARSIS MORAIS FIGUEIREDO**
Data: 04/12/2025 19:18:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Annie Tarsis Moraes Figueiredo
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Profa. Ma. Sabrina de Paiva Bento Queiroz
Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Norte – SEEC-RN

OS ESPAÇOS COMO NARRADORES DA MEMÓRIA E RESISTÊNCIA EM *SOLITÁRIA*, DE ELIANA ALVES CRUZ

Natalia Maria da Silva Gurgel¹

Alyne Isabelle Duarte da Silva²

RESUMO

A presente pesquisa delimitou-se a analisar como os espaços são construídos na terceira parte da obra *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz. A narrativa articula o resgate do passado, o enfrentamento das opressões e as relações de poder. Também aborda o trabalho doméstico e a desigualdade social e racial no Brasil. Nesse contexto, é apresentada a trajetória das personagens Eunice e Mabel, mãe e filha que enfrentam a exploração em espaços subalternizados do serviço doméstico em um condomínio de luxo, o Golden Plate. A pesquisa buscou compreender como os espaços representam lugares de memória e resistência, especialmente o quarto de empregada e o de descanso, onde essas dimensões são ressignificados na trajetória de Eunice e Mabel. A metodologia utilizada baseou-se em uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativo-exploratória. Para tanto, a pesquisa adotou como aporte teórico os estudos do filósofo francês Gaston Bachelard (1998) em *a poética do espaço* no qual desenvolve um estudo sobre essa categoria, chamando-a de “topoanálise”, isto é, o estudo psicológico dos lugares ligados à nossa vida íntima; Borges Filho (2007), *Espaço e literatura: introdução à topoanálise* com suas perspectivas acerca do espaço ficcional, Antonio Dimas (1987) em que aborda os principais conceitos sobre os estudos acerca do espaço ficcional em narrativas; Maurice Halbwachs (2017) para abordar a memória coletiva e individual das personagens na obra analisada. Esta pesquisa permitiu compreender que os espaços ficcionais atuam para além de pano de fundo, constituindo-se como um elemento fundamental na construção da narrativa ao tornar-se um narrador que recorda e ressignifica.

Palavras-chave: espaço; memória; resistência; cômodos; Eliane Alves Cruz.

¹ Graduanda em Letras Língua Portuguesa (Licenciatura), Campus Avançado de Patu (CAP), na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: mariagurgel@alu.uern.br

² Orientadora, professora Doutora no Departamento de Letras Vernáculas na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: alyneisabele@uern.br

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura afro-brasileira contemporânea ocupa um espaço cada vez mais significativo no cenário de produção literária, promove a valorização de narrativas que expressam a vivência, as memórias e a resistência. Nesse movimento de escrita ficcional surgem grandes escritoras femininas negras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus que se destacam nas narrativas contemporâneas com obras que se tornam instrumentos de denúncia social, expressando por meio de seus textos vozes que foram, historicamente, silenciadas e marginalizadas no cânone literário. Essa escrita é mais do que um espaço de ficção, é também um campo em que as memórias são resgatadas e fortalecidas, contribuindo significativamente para a valorização da literatura afro-brasileira.

Nesse contexto, surge nesse cenário da literatura contemporânea brasileira a escritora Eliana Alves Cruz, que se destaca com sua obra *Solitária*, publicada no ano de 2022 pela Companhia das Letras, com um enredo que articula o resgate do passado, o enfrentamento das opressões e as relações de poder, aborda o trabalho doméstico e a desigualdade social e racial no Brasil. A obra narra a trajetória das personagens Eunice e Mabel, mãe e filha que enfrentam a exploração em espaços subalternizados do serviço doméstico em um condomínio de luxo, o Golden Plate. A autora resgata essas vivências silenciadas, evidencia como os espaços solitários (quarto de empregada e quarto de descanso), revelando que tais espaços se configura tanto como instâncias de opressão quanto como lugares de resistência e reconstrução, nos quais as personagens se reinventam e buscam romper com as amarras de servidão.

No livro *Solitária* (2022) a história é estruturada em três partes, essas vozes são apresentadas a partir das perspectivas das personagens principais Eunice e Mabel e, também, sob a ótica dos cômodos do luxuoso condomínio Golden Plate, a narrativa evidencia como a arquitetura do condomínio também é reflexo das hierarquias raciais e sociais. O romance em sua parte final é delineado por meio dos espaços do condomínio os quais ganham consciência e uma voz narrativa que carrega as marcas e resistência das personagens, sendo eles: o quarto de empregada, o quarto de porteiro, o quarto de hospital e o quarto de descanso. O espaço, nesse sentido, deixa de ser um cenário neutro e passa a ser uma parte ativa da narrativa, são ambientes que testemunham a trajetória das personagens, que guardam segredos, dores, e a exploração dos momentos de opressão, abandono e solidão, além de toda a resistência das personagens em subverter as estruturas de dominação presentes no espaço de trabalhos domésticos.

Esses espaços, muitas vezes, tornam-se fundamentais para compreender a complexidade da narrativa e a profundidade das experiências das personagens. A literatura, ao longo do tempo, tem recorrido ao espaço ficcional como elemento narrativo presente na construção e desenvolvimento das figuras centrais, pois, é mediante aos cenários descritos que o enredo se constrói situando as ações das personagens na trama.

Desse modo, a autora do romance *Solitária* (2022) possibilita pensar esses ambientes narrativos extrapolando seu conceito gênese que aparece no sistema narrativo, pois evidencia uma consciência ativa e revela uma dimensão simbólica dos espaços quando os apresenta enquanto narradores. Os lugares ultrapassam o descrito, permitindo compreender como a arquitetura narrativa se entrelaça às vivências das personagens, os cômodos carregam a simbologia de cada lugar. O quartinho de empregada e o quarto de descanso descrevem a trajetória das

personagens, é por entre esses espaços que são descritos a maneira como cada personagem é geograficamente posicionada em ambientes subalternizados. Dito isso, partimos dos seguintes questionamentos para que a pesquisa pudesse ser realizada: [1] Os espaços solitários representam o isolamento, historicamente imposto às mulheres negras e configuram-se como metáfora social e racial. Contudo, apesar de serem espaços de confinamento, de que modo também se resignificam como lugares de memórias e resistência? [2] De que forma o quarto de descanso tem relação com lugares de opressão, mas também de resignificação e reexistência? [3] Como as memórias do quatinho de empregada guardam reminiscências, subjetividade e resistência das personagens e impactam na construção de suas identidades?

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo analisar como os espaços são construídos na terceira parte da obra *Solitária* de Eliana Alves Cruz, com o intuito de compreender como eles representam lugares de resistência, memória e reconstrução de sentidos. Além disso, propõe-se identificar a simbologia dos espaços por meio dos recursos usados pela autora para a construção de memórias e subjetividade que contornam as personagens, observando, também, como essas memórias se dão, ora em um tom coletivo, ora em um tom individual. Ademais, pretende-se destacar a resignificação do espaço do quarto de descanso, que passa de um lugar de opressão para de resistência.

O livro de Eliana Alves Cruz tem despertado o interesse de inúmeros pesquisadores dos estudos literários contemporâneos da literatura afro-brasileira. Em parte, pela construção de uma narrativa que denuncia a exploração dos trabalhos subalternizados e as desigualdades sociais e raciais, mas também por refletir sobre a resistência, e a busca por liberdade de um sistema que explora e oprime, sobretudo corpos de mulheres negras.

Entretanto, no campo acadêmico brasileiro, e considerando os estudos sobre a autora, apesar do reconhecimento e destaque que a obra vem conquistando na literatura afro-brasileira contemporânea, ainda são escassos os trabalhos acadêmicos que se dedicam a analisar o papel dos cômodos enquanto narradores da terceira parte. Tal ausência revela a necessidade de compreender como esses espaços não apenas servem de cenários, mas também como elementos constitutivos das memórias e resistências de Eunice e Mabel, o que lhes confere uma dimensão simbólica, na medida em que o quarto de empregada e o quarto de descanso guardam marcas históricas, sociais e afetivas. Sob esse enfoque, analisar o espaço ficcional em *Solitária* (2022) não é apenas interpretar a ambientação estética da narrativa, mas é, também, acessar as camadas de memórias que cada cômodo guarda e que entrelaça na construção da personagem.

Quanto à abordagem dos dados, esta pesquisa adota uma perspectiva qualitativa, visto que busca analisar como os espaços são construídos na terceira parte da obra, com isso, caracterizamos, também, o estudo exploratório, segundo os objetivos, de compreender as causas e os sentidos atribuídos aos espaços e como atuam no romance aqui estudado.

Para que a pesquisa pudesse ser realizada, a metodologia adotada neste trabalho foi definida com base nos objetivos propostos, assim a presente pesquisa se qualifica como sendo bibliográfica, pois o estudo se desenvolveu a partir do levantamento e revisão da literatura prévia das teorias que aqui foram utilizadas, e na interpretação do *corpus* objeto de estudo. A interpretação no processo de leitura desempenha um papel crucial na compreensão da obra e na criação de sentidos. Fabio Durão ao tratar sobre a metodologia de pesquisa no campo literário, afirma

que “na interpretação, o já existente, que já estava lá, e um “mais”, algo adicional, misturam-se” (2020, p. 27). Interpretar, isto é, combinar essa mescla do que texto diz com a perspectiva do leitor mediante a construção dos sentidos, é o que proporcionará o estudo a partir de um olhar singular ao *corpus* da pesquisa.

Para a plena realização desta pesquisa, adotamos como aporte teórico Gaston Bachelard (1998), *A poética do espaço*; Borges Filho(2007), *Espaço e literatura: introdução à topoanálise* com suas perspectivas acerca do espaço ficcional, Antonio Dimas (1987) *Espaço e romance*; e Maurice Halbwachs (2017) para abordar a memória coletiva e individual das personagens na obra, *Solitária* (2022), Saavedra (2021) abordando as várias formas de fazer literatura. Além disso, recorreremos a Fabio Akcelrud Durão, que discute questões interpretativas e metodológicas dos estudos literários.

A pesquisa se organiza da seguinte forma: **1 Considerações iniciais**, em que definimos objetivo e traçamos um percurso sobre a trajetória da escritora na literatura brasileira contemporânea; **2 Espaços de Memória: O Quarto de Empregada e o Quarto de Descanso**, tópico no qual abordamos a forma como os cômodos da narrativa funcionam como narradores e guardiões de uma memória que foi silenciada ao longo do tempo, isto no espaço do quarto da empregada – e depois como essa memória será ressignificada no espaço do quarto de descanso; em seguida a seção **3. Considerações finais**, na qual serão apresentados os principais resultados da pesquisa, destacando as conclusões alcançadas a partir das análises realizadas.

2 ESPAÇOS DE MEMÓRIA: O QUARTO DE EMPREGADA E O QUARTO DE DESCANSO

Neste capítulo, iniciamos a discussão acerca dos espaços ficcionais presentes na obra *Solitária* (2022), com o foco no quarto de empregada e no quarto de descanso. Esses ambientes, embora distintos, compartilham um papel simbólico importante dentro da narrativa, pois ambos apresentam elementos que permitem refletir sobre memória e desigualdade social. O quarto de empregada, esse espaço marginalizado dentro de uma estrutura doméstica, adquire na narrativa um valor simbólico, pois se configura como um lugar de solidão, mas também de resistência. O quarto de descanso, por sua vez, complementa essa dinâmica como a concretização do sonho de Mabel que se ressignifica e simboliza o rompimento do ciclo de subalternização. Ao revisitar esses cômodos, a narrativa transforma-os em espaço de resistência. Tal compreensão se fortalece quando o texto descreve esses ambientes, como no trecho que afirma: “Todo quarto de empregada é próximo à grande lixeira da casa, porque está sempre no fundo do profundo do imóvel. Nós, os “quartinhos”, estamos sempre perto dos odores da vida das pessoas que não nos habitam.” (Cruz, 2022, p.139). O fragmento evidencia que o quarto é localizado em áreas afastadas degradadas, próxima aos resíduos e aos restos da vida cotidiana dos moradores. Esse posicionamento espacial não é neutro, ele simboliza a marginalização e a invisibilidade atribuídas aos sujeitos que habitam esses espaços. Desse modo, esses cômodos personificam sentimentos marcados em seu interior, buscando uma cisão no processo de servidão e de desigualdade que atravessam as personagens e suas memórias.

Nesse contexto, é através da perspectiva narrada pelos cômodos que conheceremos a história de Eunice e Mabel, e, a partir disso, ganha novos significados e reconstrói memórias. Assim o quartinho de empregada narra cada

memória conectada a uma vida inteira existindo como abrigo de solidão, de resistência das personagens Mabel e Eunice, atrelados a construção da simbologia desses espaços solitários. O quarto de descanso passa a assumir novos contornos simbólicos ao longo da narrativa. A abordagem da autora constrói, por meio dos espaços, uma narrativa que articula a memória e a resistência criando uma poética do lugar que amplia o sentido de pertencimento e transforma o doméstico em um território ressignificado. Nesse sentido, a perspectiva de Cruz dialoga com a concepção de escrita apresentada por Carola Saavedra (2021), ao pensar na literatura como um campo em que tudo pode ter voz, os objetos e a própria natureza. Trata-se de uma literatura menos centralizada no eu, que pode ser narrada a partir de outros seres que compõem o mundo, não apenas seres vivos, mas também elementos como montanhas, rios e florestas. É uma escrita que se abre a um universo mais expandido, buscando sentir o mundo e compreendê-lo por meio de outras formas de existência, o que torna possível ampliar os modos de perceber e construir sentidos na literatura. Ao desenvolver essa ideia sobre o campo narrativo ampliado, Saavedra (2021) observa que:

Há tempos penso nas possibilidades da escrita, de uma literatura deslocada do sujeito, onde tudo tem voz: o rio, a chuva, a floresta, o trovão e até as capivaras. Uma escrita mais próxima do sonho, do transe, da alucinação, do que (ainda) não sabemos que sabemos. Não um livro que escrevemos, mas um livro que nos escreve. Uma literatura que se dá na compreensão [...] de que não somos nós que a sabemos, mas é ela que nos sabe. (Saavedra 2021, p.15)

Essa visão amplia a compreensão das narrativas literárias no campo da literatura contemporânea como um lugar de escuta, em que o texto e o espaço se entrelaçam. Logo, esse pensamento abre caminho para reconhecer o espaço ficcional não apenas como cenários nas narrativas, mas como criação e enunciação, capaz de participar de enredos não apenas como pano de fundo, mas como sujeito que fala, sente e recorda, capaz de guardar sensações. Dessa forma, na construção da obra de *Solitária* (2022), a escrita de Cruz tem seu olhar atento para o próprio fazer literário entrelaçando as personagens ao espaço no qual estão inseridas, concedendo ao espaço ficcional uma dimensão em que os cômodos se permitem narrar e recordar memórias.

2.1 O QUARTO DE EMPREGADA: NARRADORES E GUARDIÕES DE MEMÓRIAS

No romance *Solitária* (2022) a terceira parte intitulada “Solitárias” tem a presença do espaço ficcional como narrador central, entendido não apenas como cenário, mas como elemento ativo da narrativa contribuindo assim na trajetória das personagens Eunice e Mabel. A narrativa é explorada por meio da personificação dos cômodos que deixam de ser apenas cenários e adquirem as memórias vivenciadas naquele espaço, atuando como a voz que foi olhos e ouvidos em anos de serviços de subalternização daqueles a quem foi abrigo.

Entre os quatro cômodos que compõem a narrativa, este estudo concentra-se na análise de dois deles. Entre esses, o quarto de empregada ocupa um lugar de destaque no desenvolvimento do enredo. Mais do que um simples espaço doméstico, o cômodo funciona como um fio condutor para narrar os acontecimentos ocorridos no condomínio de luxo Golden Plate. Apartado dos demais cômodos do apartamento, o quarto de empregada vivencia os momentos de silenciamento e de

dor, entrelaçando intimamente com os sentimentos de Eunice e Mabel, mãe e filha que convivem diariamente com a luta da subalternização.

No contexto da ficção, o espaço pode adquirir diferentes dimensões por meio das descrições, contribuindo para a compreensão do enredo dentro de um texto literário, e a sua relação aos demais elementos narrativos. Nesse sentido, os ambientes não são apenas lugares onde são realizadas as ações, esses cenários participam da subjetividade das personagens, projetando os sentimentos, memórias e conflitos internos das personagens. Para Dimas (1987, p. 6):

[...] o espaço pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura etc. É bem verdade que, reconheçamos logo em certas narrações esse componente pode estar severamente diluído e, por esse motivo, sua importância torna-se secundária.

A citação teórica apresentada destaca que, em determinadas narrativas, o espaço pode aparecer de forma diluída, quase imperceptível, atuando apenas como cenário, e, por isso, ocupa um papel secundário na estrutura do texto. No entanto, em *Solitária* (2022), na terceira parte, essa categoria narrativa assume o lugar de projeção, pois é quem narra, a partir daquele ponto, a história. Nessa perspectiva, o espaço passa a ser fundamental, tomando parte ativamente da construção de sentidos dos acontecimentos e personagens, como é o caso da obra aqui analisada. Nela o espaço torna-se agente fundamental para compreensão da narrativa, pois ele assume o lugar de narrador.

Ao longo dos tempos, as pesquisas sobre o espaço ficcional vêm ganhando certa notoriedade mediante das reflexões desenvolvidas pelo filósofo francês Gaston Bachelard, pioneiro nos estudos sobre o espaço, o que antes era visto apenas como lugar para a ação e movimentação das personagens. Com a teoria desenvolvida na obra *A Poética do espaço* (1993), o filósofo propõe pensar a categoria do espaço não como um lugar vazio ou puramente físico, mas como algo vivo e significativo, isto é, os espaços podem simbolizar a construção afetiva na relação entre os sujeitos e ambiente em que os indivíduos se inserem. Com isso, cada lugar representa algo na construção de memória e de afeto, ou seja, eles são vividos, sentidos e recordados, podendo estabelecer uma conexão entre o passado e o presente.

Nessa perspectiva, em *Solitária* (2022) o quartinho de empregada ao ser personificado transmite todo o sentimento de abrigo para Eunice e Mabel, apesar de pequeno e marginalizado dos demais cômodos em que situa o apartamento, ele narra todas as memórias vividas naquele ambiente onde foi refúgio. Ao atribuir voz aos espaços, a narrativa desloca a centralidade humana e permite que o próprio cômodo se torne sujeito. É nesse contexto que o quarto compartilha suas memórias e percebe-se como parte ativa da história, conforme se observa no trecho.

Levei um tremendo susto quando ouvi a voz de Eunice na cozinha. Quanto tempo! Minhas paredes tremeram, pois foram muitos anos velando o sono dela e de sua filha Mabel. Sei que eu, no fundo, não era um quarto. Eu era uma solitária. Exatamente. Uma prisão, um lugar destinado a apartar do mundo e do restante dos viventes. Sou tão pequeno... mas sei também que consegui abrigá-las como nenhum outro cômodo da casa (Cruz, 2022, p.139).

Ao sentir a presença de suas antigas moradoras, ele vocaliza as condições de exclusão e marginalização em que viviam, tendo dimensão que não era apenas um quarto, mas, por vezes, se reconhece como testemunha da dor e isolamento das mulheres que o habitaram por anos. A comparação traz uma carga simbólica aos espaços de reclusão e castigo existentes no período da escravidão, essa reclusão vem desde o período escravagista e perdura até hoje nas prisões modernas sob uma nova roupagem, toda uma representação histórica que uma solitária carrega, um lugar pequeno e silencioso, apartado dos demais cômodos. Entretanto, este mesmo espaço que se percebe como testemunha de uma vida reclusa dessas mulheres, compreende, também, que cumpriu seu papel em abrigá-las.

Ainda no contexto da citação, Eunice retorna ao Golden Plate e ao entrar em sua antiga morada desperta as lembranças que ecoam nas paredes, como marcas que o tempo preservou. Na perspectiva de Bachelard (1998), ao estudar sobre o espaço na obra literária, analisa que, a toponímia é o estudo psicológico sistemático dos lugares que marcam a nossa intimidade. Na memória, esses espaços preservam as sensações e emoções vivenciadas pelos personagens. Dessa forma, os espaços têm a capacidade de reter sensações quando alguém os habita. Mas o ser, o sujeito, não é imune ao tempo, ainda que não exatamente, seria o próprio espaço físico. Assim, ao revisitar certos espaços, os sujeitos estão suscetíveis a lembranças e memórias de um passado, pois o próprio ambiente evoca aquilo. No caso de Eunice, ao voltar à casa na qual trabalhou por anos, a atmosfera foi invadida por nostalgia, não exatamente por ela, mas pelo espaço que a abrigou anteriormente, afinal é ele que está contando e ele que está sentindo. Essa dimensão simbólica do espaço pode ser observada no fragmento em que o quarto personificado recorda o tempo em que abrigou Eunice e Mabel. As paredes, que “tremeram” ao ouvir a voz de Eunice, revelam a capacidade do espaço de reter e evocar emoções, tornando-se depositário das memórias do passado, mostrando que, embora o sujeito se transforme com o passar do tempo, o ambiente permanece como guardião das experiências vividas.

Dessa maneira, as lembranças mantêm o cenário dos lugares que frequentamos, as sensações e experiências ligadas àqueles espaços tornando-se fundamentais na construção do que somos. Desse modo, o quarto de empregada ao ser revistado por Eunice, provocou a instabilidade do ser, como se nesse lugar o tempo não houvesse passado, a nostalgia presente na narrativa não está vinculada à personagem de Eunice, mas ao espaço em que ela viveu, o ambiente carrega uma melancolia e um saudosismo que não pertencem a Eunice, mas sim à casa que a perdeu. Essa relação entre espaço e memória se evidencia no momento em que a própria casa assume voz na narrativa, revelando que aquilo que permaneceu não foi a experiência da personagem, mas a marca de sua ausência. Tal percepção é reforçada pelo seguinte trecho: “Eunice e Mabel moravam dentro de mim, mas não eram as donas da casa, e quem era proprietário da casa nunca me habitava.” (Cruz, 2022, p.140).O quarto se apresenta como um sujeito sensível, guardando presenças, ausências e afetos, o que evidencia que a nostalgia e a melancolia evocadas na narrativa se vinculam ao espaço, e não à personagem.

No fragmento descrito acima, o narrador externaliza suas lembranças de Eunice e Mabel e evidencia que, depois que ambas deixaram o local, o quarto permaneceu vazio e marcado por um isolamento estrutural, conforme ele próprio define ao descrevê-lo como “um lugar destinado a apartar do mundo e do restante dos vivos”.A ausência física em seu espaço gerou um sentimento de vazio, tanto literal quanto metafórico. Isto é, o próprio espaço narra essa ausência de suas

antigas moradoras, ainda que preserve o tom saudoso das boas lembranças. O quartinho de empregada, agora vazio, guarda em suas paredes as memórias da presença das duas mulheres, revelando uma sensação de solidão sentida pelo cômodo.

Com o passar do tempo, seu ambiente é ocupado por uma nova moradora que, aos poucos foi tomando conta daquele espaço de solidão e, assim como Eunice, Luzia, a nova habitante, às vezes precisava levar seu filho para o trabalho, o que o faz recordar da primeira vez em que Mabel chegou ao interior daquele pequeno quartinho de empregada. Aquela sensação de uma nova criança brincando em seu interior despertava as recordações dos momentos de infância de Mabel que, repetidas vezes, foram interrompidos para ajudar a mãe com as atividades domésticas.

[...] quartos se emocionam. Cômodos também se encantam e se escandalizam. Concreto imprime memórias. A sala contou para o quarto, que contou para o corredor, que contou para a cozinha, que me contou. Os ouvidos das paredes escutaram tudo (Cruz, 2022, p.143).

Nesse momento da narrativa temos a personificação do espaço que é construído de forma a ultrapassar a condição de um simples cenário, eles narram e sentem. Ao afirmar “quartos se emocionam” reforça a ideia do espaço como guardião de memórias e testemunha da trajetória de Mabel e Eunice, como se cada cômodo participasse, ativamente, dos acontecimentos e fossem capazes de dar significados a atos e gestos e transmitisse os discursos ouvidos. Esse processo reforça a ideia de que as paredes guardam memórias e repetem uma corrente de vozes, que não apenas ecoam de um cômodo para o outro, como, também participam da subjetivação das pessoas que transitam pelos espaços, ou seja, esses lugares, na narrativa de Alves Cruz, deixam de ser neutros, e se personificam participando da vida dos personagens.

Embora os cômodos guardassem, em certa medida, memórias afetivas da mãe e filha, também testemunharam o acidente que transformaria o percurso de Eunice ao retornar ao Golden Plate, e que a levaria a romper o último elo que ainda unia sua vida àquele lugar. O trágico acidente que levou a morte do menino Gilberto, filho da nova empregada – Luzia, que havia saído para as compras do preparo da comida. Na sua ausência pediu a menina Camilinha (filha dos patrões de Luzia) para tomar conta da criança. Camila negligencia a situação abandonando o menino em um cômodo da casa em que as janelas estavam abertas, levando então a queda e morte do décimo andar. A narrativa expõe, então, o momento trágico que redefine toda a trajetória de Eunice, detalhando as circunstâncias do acidente com o menino Gilberto.

O que ninguém viu foi que Camila colocou o garoto no quarto da mãe — o mais confortável —, deu papéis para desenhar e fechou a porta, mas não a janela. Gi subiu na cômoda para alcançar o parapeito e chamar pela mãe. Ele se desequilibrou, derrubando o espelho no chão com uma das pernas, deixando ali um dos pés de seu chinelo, e o outro voou junto com o menino para a laje de cimento do pátio (Cruz, 2022, p.143).

Nesse momento da narrativa, tanto Eunice quanto os cômodos personificados, assumem o papel de testemunha do acontecido, o espaço descrito aqui atribui a si a ideia de narrador, como se guardasse em si próprio a verdade de um instante que mudaria todo o destino de Eunice naquele momento. No trecho descrito, o cômodo relata o acidente com uma atenção voltada aos detalhes materiais que o próprio

ambiente foi capaz de perceber e conservar. Ao mencionar a porta fechada, a janela aberta, a cômoda usada como apoio, o espelho quebrado e o chinelo deixado para trás, o narrador evidencia os vestígios que permaneceram em sua estrutura após a queda do menino. Esses elementos funcionam como marcas físicas do acontecimento, inscritas no próprio ambiente, que passa a carregar a memória do ocorrido. Assim, o cômodo não apenas observa, mas registra o episódio, reafirmando sua posição de testemunha silenciosa dos eventos que transformaram definitivamente a relação de Eunice com aquele lugar.

Nesse contexto, quando lemos a descrição desses lugares em um texto literário não enxergamos apenas o espaço representado inventado pela narrativa, a ideia é retomar a maneira como os espaços não são apenas cenários, mas território de memórias ligadas a esse ambiente. Esses espaços íntimos, na perspectiva de Bachelard (1998), como o quarto e a casa, carregam memórias, sentimentos e experiências pessoais, assim como fica perceptível no fragmento da obra de Cruz (2022), em que reforça essa ideia ao mostrar que os cômodos “se emocionam” e “se encantam”, como se guardassem e transmitissem lembranças e histórias entre si. A narrativa também evidencia a sensibilidade do espaço em captar mudanças sutis no comportamento de Eunice, como se vê no seguinte trecho:

Então o interfone tocou. Eunice atendeu e pediu licença para descer um instante. Tirando o lenço da cabeça e desamarrando o avental, ela passou pelo batente da minha porta. Sentou-se na cama por um segundo, olhando para o nada. Alguma coisa ainda mais grave acontecera e mudara nos olhos de Eunice. Eu vi, eu senti... E eu imprimi nas minhas paredes essa mudança. (Cruz, 2022, p.145).

No fragmento acima, ao narrar a angústia de Eunice, o cômodo quase consegue sentir, junto à mulher, o choque do acontecimento. Essa construção detalhada da sua posição “ela passou pelo batente da minha porta. Sentou-se na cama por um segundo, olhando para o nada.” descreve um ponto de observação do cômodo naquele momento, Eunice não verbaliza nada, suas ações e gestos sugerem que algo havia acabado de acontecer, mas por meio daqueles detalhes o narrador não é apenas observador, ele acaba sentindo a dor de Eunice. Existe uma espécie de cumplicidade entre a mulher e o cômodo, ele deixa de ser um mero cenário neutro e exerce um acolhimento, demarcando que há uma união, que se firmou durante o tempo através de acontecimentos, entre a ex-empregada e as paredes daquela casa. O ponto chave para o rompimento de Eunice com aquela família e lugar deu-se de forma trágica, apenas quando ela presencia o acidente. A atmosfera de tensão e dor se instaura naquele instante e leva a personagem a romper definitivamente o elo que a ligava àquele lugar.

A dor de Eunice não fica apenas visível na memória do narrador, mas também nas paredes, elevando o espaço físico a transmitir essas lembranças sentidas. As paredes são personificadas, transformadas em arquivos de memórias no qual as experiências humanas são guardadas no ambiente e ressignificadas. Dessa forma, Bachelard (1998) afirma que não se trata apenas de um abrigo físico, mas de um espaço capaz de armazenar experiências, emoções e lembranças significativas. Essa concepção é apresentada por Bachelard, ressalta que a casa reúne nossas primeiras impressões e memórias afetivas, organizando a experiência do habitar. Para o autor, cada espaço carrega marcas que revelam camadas profundas da lembrança, o que se evidencia quando afirma que:

[...] é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas; e quando casa se complica um pouco, quando tem um porão e um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais caracterizados. (Bachelard, 1998, p. 27- 28)

Nesse sentido, o teórico descreve o espaço da vida íntima como memórias organizadas, o ambiente molda a forma como recordamos e sentimos o passado, certos cantos da casa podem ser associados a momentos específicos, assim cada cenário descrito deixa de ser apenas físico e passa a ser um lugar de memória e afeto, capaz de absorver e preservar acontecimentos vividos. Isto ocorre na narrativa aqui analisada, as paredes do Golden Plate tornam-se testemunhas silenciosas da dor transmitida por Eunice naquele retorno ao quarto de empregada: “O que aconteceu com o filho de Luzia era fácil de entender. Principalmente para nós, que abrigamos a intimidade que julgamos não estar à vista de ninguém.” (Cruz, 2022, p.143).

Dessa maneira, evidencia-se o papel do espaço como guardião daquilo que não é visível. O quarto, no entanto, demonstra muitas vezes observar coisas ocultas aos olhos externos. Esse ambiente torna-se um depósito das experiências silenciadas, revelando espaço físico pode guardar marcas da dor e da memória. No caso de *Solitária* (2022), esses espaços ultrapassam a materialidade e convertem-se em lugares de resistência e subjetividade. Para Borges Filho (2007), esses lugares não correspondem ao ambiente habitual das personagens, mas sim a espaços de passagem, marcados por diferentes vozes e acontecimentos momentâneos. Ou seja, o teórico diferencia o espaço cotidiano, aquele que representa estabilidade de rotina, dos espaços de transição, nos quais o sujeito vivencia o deslocamento e ressignificações. Percebe-se que Eliane Alves Cruz constrói espaços que percebem e revelam sensações, atrelando os lugares físicos com os próprios personagens. Com isso, o ambiente deixa de ser um mero cenário para tornar-se parte integrante da narrativa. Como no caso do quarto de empregada, um ambiente que, embora fisicamente limitado e socialmente marginalizado, adquire centralidade na construção subjetiva das personagens.

2.2 QUARTO DE DESCANSO: MEMÓRIA RESSIGNIFICADA

Dentre os espaços analisados nesta pesquisa, destacamos, ainda, o quarto de descanso. Na narrativa de Cruz (2022), o quarto de descanso emerge como um lugar de memória ressignificada, ganhando novas camadas de significação e se revela como um território de reconstrução. Assim como no quarto de empregada, aqui a personificação do espaço constrói a narrativa para um lugar que antes era tomado por um silenciamento e amarras de subalternização para torna-se um espaço reconstruído por meio da resistência. Observa-se, portanto, um fio condutor entre os cômodos simbolizado pela presença constante da memória, isto é, há uma ligação que integra os espaços como parte de um todo, não se limitam a um único ambiente, mas se expandem e se entrelaçam. Além disso, o quarto de descanso assume um papel essencial na estrutura da narrativa que acolhe e ressignifica, o sonhado consultório da médica Mabel. Já formada, esse momento vem simbolizando uma tão esperada ruptura no ciclo de servidão e marginalização que se perpetuou entre gerações, desde o período colonial brasileiro. Aquele novo espaço simboliza conquista, liberdade e o início de uma reconfiguração que antes marcava um lugar

de exclusão e, agora, transcendendo para um quarto de descanso. Essa relação entre espaço e experiência das personagens fica evidente quando a autora afirma:

Não há paz enquanto se habita o tumultuado quarto de despejo — seja ele real, seja metafórico. O silêncio da solitária é um estrondo, uma trovada de desprezo que não para de soar na cabeça e na alma. Não à toa ela foi utilizada como forma de castigo. Apenas espíritos muito resistentes não se afetam pelo preterimento, e isso não é uma vantagem, porque não é humano. Foi com a consciência muito atenta a esse fato que Mabel e Eunice finalmente me deixaram chegar em suas vidas. Não o quartinho de despejo, mas o de descanso (Cruz, 2022, p.158).

O trecho evidencia a construção desse espaço não apenas como um lugar físico, mas como um território da dor, do isolamento e marginalização, a solitária silenciosa simboliza toda uma resistência das personagens como também a representação de um povo que lutou no período escravocrata, em que suas vozes ecoam como resistência. Ao empregar a expressão “quarto de despejo”, Cruz (2022) dialoga com a obra de Carolina Maria de Jesus (1960), no qual o termo designa um lugar marginalizado da cidade, destinado aos rejeitados pela sociedade. Assim como na narrativa de Jesus, o “quarto de despejo” em *Solitária* (2022) simboliza o isolamento e sofrimento, funcionando como um território de silêncio imposto e, depois, de resistência.

O cômodo projeta esse lugar vazio de confinamento ao longo da obra, os espaços destinados às personagens tomam essa simbologia de antigos lugares de servidão, as experiências de Eunice e Mabel, duas mulheres atravessadas por uma herança de exclusão. Eunice, a mãe, vive o espaço da servidão como empregada doméstica, ela habita os cômodos destinados aos invisíveis. Já Mabel, a filha, herda esse espaço mesmo quando vai ocupar lugares sociais diferentes, carrega em si as memórias do confinamento e marcas históricas. Percebemos como a narrativa personifica as sensações manifestadas nesse cômodo que antes era lugar de servidão e se torna ressignificado como descanso, simboliza adentrar a um espaço que foi milimetricamente sonhado e conquistado com muito esforço.

Pensando nesse campo literário dos estudos dos espaços íntimos, Bachelard (1998, p. 29) afirma que: “As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas.” Nessa perspectiva, esses espaços não apenas moldam a memória, mas também fortalecem emoções e experiências, revelando-se como ambientes que funcionam tanto como testemunhas quanto como agentes da dor e da reconstrução das personagens. O quarto de descanso, assim, ultrapassa sua dimensão física e se projeta em camadas psicológicas, reforçando sua importância na trajetória de Mabel e Eunice. No decorrer do romance, a passagem do quarto de descanso se reafirma depois do depoimento de Eunice, no acidente envolvendo a criança. Depondo contra a família que a explorou por anos, Eunice transita de um espaço marcado por exploração para novos caminhos de liberdade. A força desse momento narrativo pode ser observada no seguinte excerto:

A dona da cobertura do Golden Plate não imaginava ter de lidar com aquela mulher renovada, livre do sentimento de servidão e gratidão por receber muito menos do que merecia durante anos de dedicação e trabalho incessante. Não sabia que Eunice estava finalmente seguindo o conselho de d. Codinha e cuidando da própria vida, completando os estudos e recomeçando. (Cruz, 2022, p.160).

A libertação dos anos de trabalho dedicados à família de D. Lúcia, e a mudança de Eunice dão-se através da acusação de Camila por negligência nos cuidados com o menino Gilberto, o que ocasionou a sua queda e morte do décimo andar do condomínio. Essa renovação indica um rompimento, uma cisão – não sem um ato trágico – com as estruturas de subalternização a que por muito tempo foi submetida, essa ruptura, no entanto, não se limita apenas ao ato de deixar esse espaço doméstico, isso representa uma transformação interior que por muito tempo foi aconselhada por sua mãe, D. Codinha, para voltar seus cuidados para sua vida. A confirmação de Eunice do acontecido levou Camila a responder por seus atos de negligência, para surpresa de D. Lúcia, Eunice não compactuava com as atitudes que marcou a tragédia no Golden Plate, e com o seu depoimento se fechava uma porta que marcou um ciclo de dor e anos de silenciamento. Quando ela rompe o silêncio, ela se liberta, encerrando simbolicamente o período de opressão e sofrimento que a acompanhava. “Eunice olhava para a frente acompanhada de todas as infâncias interrompidas que não puderam crescer.” (Cruz, 2022, p.160). Seu gesto reflete sobre outras vidas que não tiveram a mesma liberdade. Assim, Eunice torna-se um elo entre o passado e futuro, seu olhar é, ao mesmo tempo, um ato de lembrança e de continuidade levando consigo as vozes silenciadas e historicamente oprimidas.

Nota-se como autora constrói a narrativa para a ressignificação do quarto de empregada para o quarto de descanso que se denomina como consultório da doutora “Mabel Pereira da Silva”, essa transição espacial não limita apenas a um lugar físico, mas traduz uma transformação simbólica ao atribuir novos sentidos a um espaço que não é mais lugar marcado pela invisibilidade, mas sim de uma grande conquista, revelando como o descanso pode ser um ato de resistência. A ressignificação dos cômodos atinge seu ponto mais forte no seguinte fragmento:

Eu soube de tudo isso quando recordaram o caso todo aqui dentro, na pequena inauguração que fizeram com Jurandir, Cacau, João e Irene. Eunice finalmente fechou a porta da solitária, deixando-a para sempre, e abriu a minha, a porta do consultório da Dra. Mabel Pereira da Silva. (Cruz, 2022, p.161)

A simbologia presente nesse trecho remete a ruptura de algo para o início de um novo momento de passagem em dois espaços simbólicos, a solitária e o consultório de Mabel. A atitude de Eunice ao fechar a porta e abrir a do consultório mostra como ela reforça a passagem de subserviência para um espaço de cuidado, assim, “descansar” passa a ser como uma oportunidade de “renascer” em um novo lugar. A personificação do cômodo do quarto de descanso neste momento evidencia o sentimento de emoção atribuindo-lhe funções próprias da ação humana, ao transmitir esse entusiasmo não se limitando a um artefato cênico, mas atuando como elemento estruturante da narrativa.

Entende-se aqui o sonhado consultório de Mabel como persistência em resistir a tudo o que foi posto na sua vida, sua infância interrompida quando não pode crescer como as outras crianças, assim mesmo com a própria Camilinha, sempre mimada e com os cuidados e olhos voltados para ela, sua infância foi atravessada por trabalhos domésticos para ajudar sua mãe no emprego. Mabel precisou crescer com aquele sentimento que só através dos estudos seria o caminho para romper com aquele ciclo de subalternização. A concretização desse momento

mediante do cômodo permite à narrativa traçar uma linha dos motivos anteriores que levaram Eunice a fechar a porta da solitária, do quarto de empregada, e com ela vieram memórias que ecoaram, resistiram e se tornaram guardiãs nos momentos de dor e conflitos. A personagem consegue, assim, libertar-se das correntes que as prenderam em cercos de subalternidade.

“O problema da faxina é o cheiro da vida dos outros. Ela ficou um longo tempo em silêncio, pensativa, mas aparentemente em paz. Sentou-se na cadeira giratória, olhando com cuidado cada detalhe do consultório.” (Cruz, 2022, p.161). É interessante observar que as descrições do espaço feitas aqui, sob olhar de Mabel para a realização de seu sonho, indica um movimento de retomada, do qual Mabel reescreve a sua presença e reconstrói suas experiências, o silêncio a atravessa como um suspiro de alívio por poder agora sentir seu lugar de pertencimento.

Nesse sentido, Bachelard observa que: “Todo espaço realmente habitado traz a essência de nossa casa. [...] todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova.” (1998, p.25). Além disso, todo espaço habitado se torna uma continuidade da nossa história, mesmo ao mudarmos para uma casa nova, ele acompanha-nos e se manifesta por meio das memórias. Nota-se que cada detalhe do consultório parecia tocar algo dentro de Mabel, evocando memórias e sonhos, transformando aquele cômodo em um lugar acolhedor. Dessa forma, a percepção descrita de Mabel demonstra que mesmo em um ambiente novo, nossas vivências preenchem o espaço, dando-lhe um novo significado.

Ao decorrer do romance, percebe-se a como autora constrói mediante a narração dos cômodos “Quarto de empregada” e “Quarto de descanso” a forma como a memória e a resistência são construídas de maneira individual e coletiva através das personagens Eunice e Mabel, mãe e filha, entrelaçando suas vivências e experiências pessoais. Pois sem as memórias não existiria história, porque são através delas que construímos uma identidade individual e coletiva. A construção da memória coletiva em *Solitária* (2022) compreende as vivências e ancestralidade presentes na família das personagens Mabel e Eunice. Essa memória coletiva também se materializa nos objetos que as acompanham, como revela o trecho:

Em cima da mesa, a caneta cara que Cacau lhe dera de presente na formatura, depois de economizar um bocado. Na prateleira da estante, uma santinha que era de sua mãe desde menina. Dentro de um vaso bonito de cerâmica que Jurandir trouxera para ela do Pará, uma muda cheirosa de cidreira retirada do pé que fora plantado por seu pai a pedido da avó. Mabel arrancou umas folhas e fez um chá na cafeteira. “Quando você entrar na faculdade, vai lembrar que lhe ensinei que cidreira acalma?” “Não tem nada que me tire essas certezas, d. Codinha.” (Cruz, 2022, p.161).

No trecho descrito, é possível notar que cada objeto no consultório de Mabel é carregado de significado, contendo uma ligação afetiva de Mabel com suas origens e memória familiar. O gesto de preparar o chá de cidreira se torna não apenas uma ação do cotidiano, mas sim um reencontro com o passado, um modo de preservar todos os ensinamentos e ancestralidades da sua avó d. Codinha, que lhe ensinara sobre o uso das ervas medicinais e o quanto elas eram agentes na cura do corpo e da mente, isto a faz lembrar os motivos pelos quais sua avó sempre torceu e sonhou junto das conquistas. O espaço nesse momento ganha uma dimensão emocional, funcionando como abrigo e conforto “O quarto de descanso é todo aquele que tem o

cheiro da nossa própria vida.” (Cruz, 2022, p.161) o cômodo deixa de ser apenas cenário, ele se torna um lugar carregado de significado. Halbwachs afirma que:

[...] a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos. (Halbwachs, 1968, p.12)

Segundo teórico, as memórias são construídas a partir das relações com o outro e com os espaços ocupados. Nesse sentido, a memória torna-se também uma forma de resistência, pois permite resgatar histórias silenciadas e reconstruir identidades marcadas por processos históricos. Para isto, os espaços das memórias funcionam como mediadores entre a experiência individual e a memória coletiva, ativando lembranças que reforçam vínculos afetivos.

Dessa forma, é possível compreender que a memória em Mabel se constrói por meio de suas ações e interações com os espaços, os objetos e as pessoas ao seu redor. Ela atua nesses diferentes contextos para demarcar o seu lugar no mundo e o espaço que ocupa na sociedade enquanto mulher negra. Ao fazer isso, Mabel rompe com as amarras de subalternidade, pois estabelece vínculos e apoios múltiplos que fortalecem sua posição e identidades, reafirmando sua autonomia e presença no tecido social. Nessa perspectiva, em *Solitária* (2022), os espaços em que Mabel transita não são apenas cenários físicos, mas lugares simbólicos de enunciação e resistência. Cada ambiente, como o quarto de empregada e o quarto de descanso carregam marcas de uma memória coletiva que se entrelaçam à sua trajetória individual, assim como na trajetória de sua mãe Eunice. Com isso, a autora constrói o espaço em narrativa, fazendo dele testemunho vivo de resistência, o quarto de descanso transforma-se em um espaço de reconstrução de si, onde o passado se mantém nos gestos do cotidiano e nas recordações materiais, reafirmando que a memória também se manifesta nos objetos que carregam afeto e pertencimento desse lugar ressignificado.

A personificação desses cômodos narrando cada acontecimento, desde o quarto de empregada ao quarto de descanso, reflete como o espaço assume na narrativa o papel de narrador atravessando a dimensão material e deslocando-se como uma consciência crítica e que percebe os acontecimentos à sua volta. Isto é, são transformados em vozes que observam, sentem e narram o que os envolvem, assim, os cômodos não apenas abrigam a ação, mas dá forma à experiências narrativas. Desta maneira, a voz projetada pelos cômodos atravessa fronteiras entre o visível e sensível e revela camadas profundas da narrativa, funcionando como mediador entre o vivido e o imaginado. Ao narrar, projeta sentidos próprios e ressignifica as relações humanas que neles se desenvolveram, tornando-se expressões vivas e testemunhas da memória.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui realizada faz parte do pequeno número de trabalhos voltados para a obra *Solitária*, apesar do reconhecimento e destaque que a obra vem conquistando na literatura afro-brasileira contemporânea, ainda é possível perceber horizontes de análises possíveis, sobretudo no que diz respeito à terceira parte da obra. Ademais, esta pesquisa buscou, em alguma medida, contribuir para

sanar essas lacunas e expandir a percepção do texto literário de Alves Cruz. Diante disso, a presente pesquisa teve como intuito analisar como os espaços são construídos na terceira parte da obra *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz, buscando compreender de que modo a personificação dos cômodos, especialmente o quarto de empregada e o quarto de descanso, representam lugares de memória e resistência na trajetória das personagens. No romance, esses cômodos, ao narrarem as memórias vivenciadas no condomínio Golden Plate pelas personagens, permitem um mergulho na ambientação da narrativa, revelando como o espaço físico se entrelaça às vivências e emoções de Eunice e Mabel. Desse modo, ambientes como o quarto de empregada e o quarto de descanso assumem o papel de agentes narrativos, mediante as relações afetivas que constituem as experiências naquele lugar.

Na obra analisada, a autora Eliane Alves Cruz articula o espaço ficcional como elemento central da narrativa, de modo que ele assume um papel ativo na construção do ponto de vista e na percepção do leitor. Os cômodos transformam-se em vozes que observam, sentem e narram, atuando como testemunha silenciosa e ao mesmo tempo, como um mecanismo estrutural da narrativa. Dessa forma, os espaços deixam de ser pano de fundo e assumem o lugar de narrador que observa, recorda e ressignifica o mundo ficcional. Cada cômodo ultrapassam o descrito, permitindo compreender como a arquitetura narrativa se entrelaça às vivências de Eunice e Mabel, o quartinho de empregada, o quarto de descanso, descrevem a trajetória das personagens, é, pois, por entre esses espaços que são descritos a maneira como cada personagem é geograficamente posicionada em ambientes subalternizados. A construção do quarto de empregada, dentro da esfera doméstica, traz a simbologia de um espaço de dor e servidão, no qual posteriormente se reconstrói, já o quarto de descanso, o sonhado consultório de Mabel, ganha uma nova roupagem e significação quando atua como um espaço de aconchego. Assim, os cômodos analisados revelam-se vozes de guardiões de memória e resistência em *Solitária*.

Portanto, percebemos que o enfoque que a autora Eliana Alves Cruz traz na personificação desses cômodos possibilita um novo olhar para próximas narrativas em que aborde o espaço ficcional, em que são capazes de sentir, narrar memórias e vivências que entrelaçam a movimentação das personagens naquela ambientação, atuando além de um mero cenário que serviria apenas para situar as personagens em obras literárias. Em obras literárias, ao ampliar essa perspectiva, compreende-se que o espaço ficcional assume um papel ativo dentro da narrativa, tornando-se um elemento estruturante do enredo e da construção de sentido, reconhecendo sua capacidade de criar atmosferas, refletir estados emocionais e simbolizar conflitos internos das personagens.

Diante do percurso analítico realizado, considera-se que os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que a investigação permitiu compreender como os espaços narrativos em *Solitária* (2022) operam como dispositivos de memória, resistência e reconstrução. As teorias utilizadas, especialmente os estudos sobre memória e espacialidade narrativa, mostraram-se adequadas e suficientes para sustentar as interpretações desenvolvidas ao longo do trabalho. Ainda assim, reconhece-se que outros recortes podem ser aprofundados em pesquisas futuras, como a comparação entre *Solitária* e outras obras da literatura afro-brasileira contemporânea, além de análises mais específicas sobre o funcionamento do espaço ficcional e sua influência na construção das memórias, afetos e trajetórias das personagens.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do espaço**. Martins Fontes, São Paulo, 1998.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura**: Introdução à toponímia. - Franca, São Paulo, Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

CRUZ, Eliana Alves. **Solitária**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras: 2022

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. 1. ed. São Paulo:Parábola, 2020.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. 1ª Ed. – São Paulo: Ática, 1987.

HALBWACHS, **Maurice**. **A memória coletiva**. Tradução por Laurent Léon Schaffter. São Paulo, SP: Editora Revista dos Tribunais LTDA., [1968] 1990

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960

SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável**: ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.